

Se somos como somos, por que pujo  
quem a pujo esta arela  
de sermos de outro jeito,  
no nosso coraçom?

Seríamos felizes conformando-nos  
com sermos como somos, ignorando  
que de outro jeito poderia ser.

Ou bem é que nom somos como somos,  
mas como quereríamos  
ser, porque o ser nom é  
o que se é, mas o que se deseja  
ser, e a felicidade  
é resignada morte, e é a vida  
a desgraça de querer ser outrém?

Renunciando assi à felicidade  
e a sermos como somos,  
e assumindo a desdita  
de querer sermos de outro jeito, somos  
talvez o que realmente  
somos ao sermos un desejo puro  
de outros querermos ser.

Porque talvez o sermos nom é sermos,  
senom nom querer sermos como somos,  
e aquilo que nom somos querer ser.

Ao ficar só, já posto o sol, espero-te.  
Oh minha vida, oh minha mágoa, oh dor!  
E tu virás. Direi-te: Boa noite.  
Enquanto aguardo, penso  
como te adubarás  
para chegar a mim,  
quê tormento modista  
desenhará a tua traça.  
De quê cores virás vestida hoje?  
Trarás algum adorno na cabeça:  
umha flor, umha gasa, um passador?  
Ou virás com a cabeleira nua,  
mas talvez enfeitada  
pola cabeleireira,  
que cha riçou ou alisou, segundo  
a moda destes dias?  
Virás de saltos altos, à grande dama,  
ou de sandálias? Com negras meias ou  
a perna ao ar, despida de qualquer  
seda ou lá? Com jóias ou sem elas?  
Amas-me e és coqueta. Estou seguro  
De que terás pensado de quê forma  
Mais dano me farias. Eu prefiro-te  
Completamente pura. Mas tu  
és voluptuosa, e mais queres chegar  
embrulhada no cálice  
de umha fragante teia, como  
umha púdica rosa.  
De todos os jeitos,  
farás-me suspirar. As tuas  
espinhas ham-me ferir. E ficarei  
—cando, ao romper o dia,  
te fores—  
sangrando e devecendo por ti, nas espera  
da noite de amanhã, em que podes vir  
talvez com um sombreiro branco, ou  
se cadra com disfarce  
de enfermeira, ou de freira,  
ou de meiga, ou de fada.  
Doce e pérfida amante,  
que sempre me visita  
cando se pom o sol e fico só,  
amiga fiel que me tortura sempre.

Todo termina mal. Tés que ajeitar-te  
a esta verdade, e resignar-te a ela.  
Nom podes apagá-la nem vencê-la.  
De assimilá-la hás de aprender a arte.

Viver nom podes numha estrela à parte.  
Está numha galáxia a tua estrela.  
Está numha abadia a tua cela.  
À comum regra té que sujeitar-te.

Tés que portar-te como se viver  
fosse só aprendizado de morrer,  
e estar, aprendizado de partir.

Cansam os deuses de felizes ser.  
O fogo nasce para arrefecer.  
O paxaro alça o voo para cair.

Vinham aqui para os visitar,  
e nom os achei.  
Foram-se.  
Caminho errante e só polas ruas  
onde pensava abraçá-los.  
Eles já nom estão aqui.  
Estão juntos noutro lugar.  
Eu estou só neste lugar.  
Na cidade onde todos nacêmos.  
Todos estão deitados e dormem.  
Menos eu,  
que estou de pé e desperto.  
Estou canso de os buscar.  
Eles esperam sossegados por mim.  
A chave que abre a grade que de mim os afasta,  
pode cair-me nas maos  
onde quer que eu esteja.  
Regressarei à cidade em que vivo,  
e esperarei ali.  
Onde quer que eu esteja, saberám  
o meu endereço, e enviar-me ham  
a chave que abre a grade que os afasta de mim,  
e o carro para deslocar-me ali.

Um bom dia a velhice  
entrou na minha casa.  
Nom sei se foi domingo ou sexta-feira.  
Agora está sentada à minha porta.  
Acompanhar-me quer se saio à rua.  
Umha mulher que galanteio vive  
cem metros mais alá.  
Mas já nom podo só chegar a ela.  
A minha nova companheira, sombra,  
ergue-se no sarego, e sai comigo  
e assombra-me, e assombra quem a vê.  
Dá-me vergonha que a mulher me veja  
em tal companha, que talvez me di  
que tivem nos meus braços  
ou passeei a rua  
à mai, ou quiçá à avó da que me enleva.  
Talvez é a minha filha,  
ela, talvez a minha neta é.  
Ficarei no meu tobo,  
protegido e guardado  
polo meu cam, polo meu carcereiro,  
polo meu duplo, polo  
meu espelho. Um bom dia  
entrou na minha casa, e desde aquela,  
essa é a minha companha, e outra nom.

Inesperadamente  
foi-se. Nom deixou carta algumha  
para a viúva, explicando a sua marcha,  
nem tencionando consolá-la, nem  
falando-lhe de um reencontro no além.  
Nom fijo testamento.  
Fora um sério burocrata municipal,  
correcto e frio.  
Alguma dia pensou, sem dúvida,  
que nom tinha sentido prolongar  
umha vida carente de sentido.  
E foi-se. Nada o fazia prever.  
Parecia aceitar, coma ti, coma mim,  
a natural rotina,  
as convençõs sociais correspondentes  
ao seu modesto e digno estado. Mas, sem dúvida,  
a sua alma pendia de um fio  
de um signo de interrogaçom,  
como a carne de um gancho numha carniçaria.  
Acharia-se, talvez, de mais;  
creu que ninguém, se ele se ia,  
o acharia menos,  
e foi-se, sem dizes adeus.  
Pensava mais da conta, quiça.  
Quiça filosofava.  
Filosofar é propriamente nom viver.  
Viver é propriamente nom filosofar.  
E deixou de viver. Filosoficamente.

Gosto da soledade cando espero  
que ao cabo dela esteja a companhia.  
O desejo do asceta mais austero  
é o futuro prazer da teofania.

O silêncio do espelho em que assevero  
o meu reflexo, acende-me a harmonia  
do diálogo em que o só e imóvel zero,  
duplo e ligado o infinito cria.

Depois de ter luído com esmero  
a unidade que abrolha da autarquia,  
e de erguer no deserto a torre, quero

introduzir na minha economia  
o comércio em que troco e em que altero  
a sequidade da monologia.

Só em soledade podes ser feliz,  
acompanhado dos teus sonhos só.

Felicidade é igual a possessom.  
Os teus sonhos som teus. Tu só os possuis.

Nom podes pussuir a realidade.  
A realidade som sonhos de Deus,  
e só Deus a pussui.

Unicamente nos bens próprios acha  
felicidade o home, para quem  
nom hai mais bem que el mesmo.

Nom intentes furtar o que é do próximo.  
Nom intentes roubar o que é de Deus.

Apoderar-se do que nom é nosso,  
nom conduz à riqueza.

Na alteraçom nom há felicidade.  
Só a possessom de ti na soledade  
pode feliz fazer-te, e nada mais.

És os teus sonhos. Podes ser feliz  
em reflexiva possessom de ti,  
único bem. Serás feliz em sonhos.



Pé do ninho dos anjos umha pena  
achei, perdida num bater de asas.  
Prendim-na no meu peito com um broche,  
e ando com esse enfeite pola terra.

As gentes que me vem olham-me crendo  
que familiar do céu som. Algo como  
sacristam de um convento de querubes  
ou potestades.

Criatura som de lama. A minha fronte  
nunca a abóbada azul quebrou. No entanto,

Edem, jardim, paraíso,  
terrenal ou celestial;  
sem serpentes nem espadas,  
com figueiras e maçãs.

Com mulher —ou com mulheres?  
Com Javé —ou com Javés?  
Muitas Evas —umha Eva.  
Muitos deuses —um só deus.

O meu reino há de ser rico:  
todo o pluralizarei.  
Género, espécie, indivíduo  
nom se podem constringer.

Pluralidade incontável  
de árvores e de animais.  
Fastuosidade do número.  
Só um monarca, um home: Adám.

Douscentos mil quilómetros  
afastam-te de Vénus.

Nom estranhes que o amor  
nom te seja propício.

Desde a terra em que vives  
até ao terceiro céu,  
hai  
demasiada distância.

De planeta a planeta  
nom poderás voar  
sem as asas de Eros  
inseridas em Ares.

Vénus quando quer baixa  
ao leito de um mortal:  
diga-o Aeneas Pius.

A iniciativa sempre,  
na conjunção do amor,  
é labor feminino.  
Élitros de volalha  
em ombros de almarfi,  
avondam para a deusa.

Tal como em para-quedas,  
desce até aos teus joelhos,  
rindo de anos de luz,  
se for a sua vontade.

Mas se és tu que a procuras,  
foguetes potentíssimo  
impelir-te só pode.

Se nom és astronauta,  
melhor é que te deites  
a esperar  
aquela que talvez  
nom téis de abraçar nunca.

É natural que areles a perfeita  
feminidade; inexistente, claro.  
É a perfeiçom um ideal tam caro,  
que nengumha moeda humana aceita.

Mas ainda sem dose na receita,  
é um bem o feminino nada raro;  
e a quem nom é de perfeiçom avaro,  
em cada canto generoso espreita.

A platónia ideia que te obsede,  
nas sombras oferece a sua primícia.  
Ama a mulher, e a deusa ao nume cede.

Nom negues à mortal pele a carícia:  
a impureza a verdade nom impede,  
e a bondade humaniza-se em malícia.

Quantos antroidos,  
quantas quaresmas,  
quantas máscaras,  
quantos jejuns.  
Disfarçar-se para despir-se,  
mudar de carantonha,  
mudar de pele.  
Renovar-se constantemente.  
Mudar de vida.  
Deitar fora a careta,  
deitar fora o vestido.  
Onte Pierrot,  
hoje Rei,  
amanhá cigano;  
onte Sam Francisco,  
hoje Santo Tomás,  
amanhá Sam Ignácio.  
Hábito franciscano,  
fato dominico,  
farda jesuítica.  
O hábito fai o monge  
(e o frade).  
Mudas de disfarce,  
mudas de hábito,  
mudas de pele,  
mudas de sistema nervoso,  
mudas de sistema ósseo,  
mudas de corpo,  
mudas de alma,  
mudas de home,  
mudas de ser.  
Aquele a quem a sua avó  
disfarçou de coelho,  
morreu há muitos anos.  
Nom é mesmo  
que aquele a quem a sua noiva  
disfarçou de califa  
e que tamém morreu.  
Aquele que dialogou com os paxarinhos,  
como Santo António de Pádua,  
morreu há muitos anos;  
e assi mesmo  
aquele que pregou como Bossuet.  
Vestes-te e despes-te mil vezes.  
Foste disfarçado de Rei,  
com coroa de espinhas,  
ceptro de cana e manto de farrapos,  
como o Filho de Deus;

foste esfolado  
como Sam Bartolomeu.  
Só persistiu o teu nome.  
Todo mudou em ti, foste mil homes.  
Morreste muitas vezes,  
muitas vezes nasceste.  
Nom foste nunca o mesmo.  
O teu nome, marco  
de mil retratos,  
de outros tantos modelos.  
Adám, ou Pedro, ou Joám.  
Alvéolo sonoro  
ou gráfico  
de substâncias humans diferentes.  
E a poder de anuais  
joldas de carnaval  
e inédias de quaresma,  
mesmo foste talvez anjo ou diabo,  
animal e deus,  
pluralidade humana  
que os limites sobarda  
a força de nascer e de morrer.

Cando estou bêbada do teu vinho,  
todo é formoso.  
A beleza nom tem limites,  
nom tem limites o amor.  
Todo tu, toda eu,  
todo o que fagas,  
todo o que faga,  
todo és divino, toda som divina,  
todo é divino. É um mistério sacro  
a nossa paixom. Umha liturgia  
de iniciaçom mil vezes repetida,  
em que efemeramente  
conquistamos a eternidade.  
Um sonho no cadulho do além,  
um retorno ao pedido paraíso.  
Chegamos, nocturnos, à soleira do Edem,  
nus como Deus nos fijo, de maos dadas.  
O Anjo embainha a espada. Entramos.  
Nom hai nada proibido. À sombra da árvore  
deitamo-nos da ciência,  
mordendo os frutos de ouro.  
Nom hai serpente. Nom hai maldiçom.  
Nom hai pecado. Nom hai mal. Hai só  
a noite como um leito, as estrelas  
como lâmpadas, o amor como um vinho  
que me transporta, e ao derramar-se, tinge  
de beleza o meu corpo, o teu, os beijos,  
a orgia, a comunhom  
de ti, de mim, de Deus. Todo é formoso,  
o que me ocorre, o que imagino, o que  
vivo, o que sonho, cando  
estou bêbada do teu vinho.  
Todo é formoso entom.

Contempla e agarima a minha trança,  
ofídio nocturnal de ónix fiado,  
beta abissal, profundo e mudo brado  
que a branca rosa do meu corpo lança.

Do meu Delphos de mármore impoluto  
ela é a voz, e o espírito tectónico,  
hóspede labiríntico e mnemónico,  
lembrador do porvir irresoluto.

Seja baração da tua gorja ardente  
que coa paixom da minha neve esliga,  
sempre a arelar-me como a loira espiga  
que a tua vida comunga docemente.

Por essa escada ascende até ao meu trigo,  
conquistador de medas, meu amigo.



Acepilhando o meu cabelo, sentada  
perante o espelho, penso em ti.  
Mui perto, no leito nupcial,  
recostado sobre umha moreia de travesseiras,  
el, cenhoso, como sempre, lê o jornal.

Dentro de uns minutos, erguerei-me,  
espelirei as minhas chinelas,  
e, abrindo a cama da minha beira, resvalarei  
como numha morna e silenciosa água encorada.

El continuará a ler o seu jornal,  
e eu começarei a sonhar contigo.  
Polo dia, desperta, pensar em ti.  
Pola noite, dormida, sonhar contigo.  
El sempre, silencioso e cenhoso,  
a ler o seu jornal.

Agora estou a acepilhar o meu cabelo  
perante o espelho, onde te ergues ti  
como emergindo de um terso lago  
a cuja beira, nua, estou sentada.

Dentro de uns minutos, erguerei-me,  
espelirei as minhas chinelas,  
e, separando as mantas, escorregarei no leito  
onde el, cenhoso, está lendo o seu jornal.

Dentro de uns minutos, deixarei de pensar em ti  
E começarei a sonhar contigo.

Lembro o que me figeste sofrer. Lembro  
o que che figem sofrer. Todo  
fantasmal me parece. A nossa vida.  
O nosso entorno. O passado. O porvir.

Tantos anos jungidos à mesma canga. Tantos  
abalando os pescoços para espelir o jugo.  
Humilhando as cabeças para sentir o jugo.  
Lembro o que me figeste gozar. Lembro  
o que che figem gozar. Todo  
estranho me parece. A tua morte.  
A minha vida. O ontem. O amanhã.

Rumiando o tempo e arrastando o carro  
Juntos. Nem eu sem ti, nem ti sem mim.

Agora todo findou. Um breve instante  
ficamos alongados. Será pouco.  
Enquanto seja, não será verdade.  
Ainda eu viva. Ainda morto tu.

Tomava-me umha mao coas duas suas  
e beijava-me um a um os dedos  
e o dorso e a palma, e a sua boca logo  
iniciava um caminho braço acima  
desde o pulso, e eu deixava-o fazer.  
Mas ao cabo de três ou catro beijos  
andados, que eram cinco ou seis centímetros,  
a outra mao minha interceptava o ascenso,  
a a boca del mais braço nom podia  
beijar, ainda que podia beijar  
a mao interceptora.

Agora el está morto e eu perdim  
a minha mocidade, e arrependo-me  
de ter-lhe posto atrancos à sua boca.  
Devim deixar que os seus beijos subissem  
como a processionaria o braço meu  
e chegassem ao ombro, e de ali à gorja,  
e o corpo todo os beijos me incendiassem  
como vespas de lume. Sentiria-me  
vestida agora de umha obriça túnica  
de mel e sol; e nom do negro manto  
de viúva que assombra a minha vida.  
Anéis para os meus dedos, pulseiras  
para os meus pulsos, braçaletes  
para os meus braços, colares  
para o meu colo, brincos  
para as minhas orelhas, ajorcas  
para os meus nozelhos os seus beijos fossem,  
umha ardente malha que cingisse  
de um perfume de fogo a minha pele.  
Assi vestida, nua de temores,  
enjojada de amor, desproveída  
de obrigas, protocolos, prejuízos,  
del vestida, e despida de cadeias.  
Ainda que umha vez fosse somente,  
vestiria-me sempre de lembrança.  
Essa apertada malha, essa camisa  
de feliz fêmea, que nom tem camisa,  
essa túnica cândida de beijos  
vestiria-me como umha armadura  
mole e subtil, que me defenderia  
do machado do tempo, e o corisco  
da vida, da trigança, da saudade.  
Ainda passados tantos anos,  
sentiria-me agora  
vestida de lembrança  
dos beijos nos meus braços, no meu corpo,  
como de umha gloriosa

pele, como de umha branca dita,  
de um sol de linho, de umha lua de prata.  
Mas atranquei o rumo da sua boca,  
e veste-me tam só um negro manto  
de viúva que assombra a minha vida.

**V**  
**Arredor de si**

Somos os pacifistas,  
que andamos dando guerra.

Somos as feministas,  
que vestimos de home.

Somos os poetas eróticos,  
impotentes no tálamo nupcial.

Somos os sacerdotes,  
que nom cremos em Deus.

Somos os comunistas,  
mui zelosos da nossa propriedade privada.

Somos os homes —e as mulheres—. Inumanos,  
como cumpre à nossa humana condiçom.

Se os nossos nomes e as nossas condutas  
nom foram como som contradiçom,  
só seríamos sombras.

Mas somos realidades, e por isso  
somos assi, contrários do que somos.

A maior parte desta poesia  
é hipocrisia.  
Nom quer nada dizer e nada di.  
Se algo quiger dizer, algo diria.  
Quer somente fingir que nom fingia  
oferecendo enganos para ti,  
que finges crer que é verdade  
a mensagem que te envia,  
e finges que téis saudade  
da saudade que exprimia  
alguém que nom a sentia,  
mas que se enganava assi,  
cúmplice da tua porfia  
de enganar a ti e a si.  
A ti fingindo entender.  
A si fingindo saber  
o que queria dizer,  
ainda que nom o sabes;  
pretendendo ter as chaves  
para abrir  
o que nunca se fechou,  
porque nunca tivo portas,  
e aquelas palavras mortas  
ajuntavam-se ao achou,  
nom por santa inspiraçom,  
nem por subconsciente graça:  
por rotineira trapaça  
e vazia pretensom.  
Assi, é feita desta arte,  
com notória hipocrisia,  
a maior parte  
desta poesia.

Figemos a revolução burguesa.  
 Figemos a revolução proletária.  
 Já nom sabemos que revolução fazer.

Todos estamos aburguesados.  
 Todos estamos proletarizados.  
 Já nom sbaemos que mais hai que estar.

Luitámos, povo, contra a oligarquia.  
 Luitámos, operários, contra o patrom.  
 Figemos a revolução política.  
 Figemos a revolução social.

Depois da luta de estamentos,  
 depois da luta de classes,  
 que luta haverá que fazer?

Depois da luta na comunidade,  
 procede a luta dentro do indivíduo.  
 O olho esquerdo contra o direito.  
 A mao destra contra a sinistra.  
 Dividem-nos o esterno e o tabique nasal.

Somos simétricos em linhas gerais.  
 Mas temos o coração à esquerda.  
 Mas temos o fígado à direita.

Haverá que lutar por um home futuro  
 que tenha o corpo mais equilibrado.  
 Com dous coraçons e dous fígados.  
 Ou se ham persistir órgaos únicos,  
 hemos lutar por centrá-los mais.

Que o coração esteja dividido  
 a umha e outra banda do peito  
 polo tabique nasal  
 —quero dizer a sua prolongaçom—,  
 umha metade à esquerda, outra à direita.  
 E o fígado fique igualmente  
 dividido polo esterno  
 a umha e outra banda do abdome,  
 umha metade à esquerda, outra à direita,  
 coa mesma partiçom que o coração.



O ódio nom é judeu nem árabe,  
israelita ou palestino.  
O ódio é simplesmente humano.  
Hai quem nom pode odiar.  
E sem dúvida amar tampouco,  
pois nom existe o negro  
mais que en funçom do branco.  
Esse nom é home, que de sol  
e sombra o home está amassado.  
Esse pertence a outra casta,  
a casta dos impassíveis.  
Som os deuses imóveis de Oriente,  
pernas em cruz e coraçom de estátua.  
Nom os nossos sequer,  
que se amam e se odeiam  
entre eles e connosco. Eviternos  
eles, e nós efémeros, se gregos;  
e capazes de morte, finitos  
como nós, se germânicos: quase  
humanos, imperfeitamente  
humanos, nunca eternos e imutáveis.  
Os meus deuses misturam-se comigo.  
Cruzo-os na rua, no teatro.  
Olham-me, olho-os  
com ódio e com amor.  
Som homes e mulheres.  
Neste café joguei  
aos dados com Apolo.  
Deitei-me neste hotel com Afrodita.

Na China  
necem vinte e seis nenos por minuto.  
Radiaçõs de amarelo,  
em ondas incessantes,  
estenderám-se pola pele do mundo,  
seja esta prata, cobre ou ónix;  
metais, enfim, ou pedras  
menos fortes que o ouro  
como padrom de câmbio. A quantidade  
impom a qualidade  
num tempo em que o poder de massa é decisivo.  
Agora nom é o raro  
o bom. O raro é vergonhoso.  
E prata, cobre ou ónix  
serám em breve formas patológicas  
da cor da pele. Consulte o dermatólogo  
quem nom assimilasse o ouro padrom.  
Toda pele minimamente sá  
tem que ter recolhido  
as radiaçõs do Oriente,  
provenientes da China, onde, segundo  
seguras estatísticas,  
necem vinte e seis nenos por minuto.  
Muitos milhõs de poros irradiando  
cromossomas ou gens,  
esporos ou eflúvios  
auríferos, avondam  
para que se produza a necessária

Como pudemos  
 viver? Os olhos múltiplos e insones  
 de Medusa fixos em nós à espreita.  
 As bocas das metralhetas  
 apontando-nos. A censura  
 postal —fatídico agoireiro—  
 lendo as nossas entranhas.  
 Os sacristaos passando lista  
 às portas das igrejas. Nos cafés,  
 os contertúlios anotando  
 as nossas reacções perante  
 as notícias do rádio.  
 Clitemnestra na cama.  
 Na escola, os nossos filhos aprendendo  
 a condenar-nos, a  
 desprezar-nos, a  
 denunciar-nos, a falarem na língua  
 com que insultados fomos e julgados  
 réprobos, e na qual foi estendida  
 a acta que nos levou  
 ao paderom, ao cárcere, ao desterro;  
 a língua com que nos indultaram  
 para nos reinserir arrependidos  
 no mundo que quigéramos  
 substituir. Muitos morrerom, mas  
 nom falo agora desses mortos; falo  
 dos que tiveram que viver morrendo  
 entre os seus matadores, lendo a imprensa  
 que de lama os enchera, saudando  
 as insígnias contra as quais militaram.  
 Como pudemos  
 viver? E mais vivêmos.  
 E comêmos, dormímos, engendrámos  
 crianças: se havia quê ocmer, se havia  
 leito para dormir ou para amar.  
 E é que, assi como o home sossegado,  
 bondoso e cortês, pode  
 converter-se em malvado,  
 besta cruel; e a mulher terna e fina,  
 em selvagem ouveante alimária:  
 assi tamém o home inquieto,  
 íntegro e valoroso pode  
 transformar-se em sofrida  
 besta de carga ou tiro, e a mulher  
 que as teias acendia da vitória,  
 em abatida fêmea  
 de miserenta espécie soterranha.  
 Assi hienas e vermes,

Formas de desumana humanidade,  
encarnçam-se, arrastam-se.  
Nom haveria lobos  
se nom **ouvesse** anhos.  
Milhafre e pomba todos podemos ser.  
Isso é ser home: humilhar ao home  
Ou humilhar-se perante o home. Todos  
Podemos humilhar-nos e humilhar.  
Isso é ser home. Mister seria  
para nos prevenir de sermos  
bestas depredadoras ou servis,  
conquistar umha faísca  
de lume prometeico e ser  
um pouco deuses, home e deus à par,  
na força e na renúncia;  
mas isso só é possível  
sobranceando o humano,  
cando águia é a hiena, e anjo o verme,  
sobre a terra a voar,  
segundo a desumana fórmula  
de Friedrich Nietzsche ou de Cristo Jesus.

A Orquestra Filarmónica de Osaka,  
em Bratislava interpreta  
a Sétima Sinfonia.  
Ásia digere Europa. O pragmatismo  
assume o romantismo. O eslavismo  
acolhe o germanismo. O sinecismo  
sob o teu signo reina.  
Ti, sobre o branco toura, bela  
dos grandes olhos, navegaste  
nom só o Mar Nosso, até Creta; tamém  
os Sete Mares, conquistadora  
do antigo e o novo mundo, com exércitos,  
com inventos, e máquinas, e ideias,  
espargendo a tua força, a tua graça,  
a tua moda, a tua ciência, a tua  
técnica. E ainda que conservem  
alguns povos vestígios de seu, matam  
coas tuas armas, amam  
cos teus beijos, falam coas tuas palavras,  
mais cada vez, cada vez mais, Europa.  
O maestro de oblíquos olhos  
dirige a tua música  
vestido co teu fraque, e estreita  
coa tua mao a mao  
do primeiro violino.  
Só podem superar-te  
os que te reconhecem  
como mai ou madrasta, os criados  
aos teus peitos, os assovalhados  
polos teus pés, emancipados ou  
manumitidos. Para ser senhores  
de si mesmos, tenhem que ter sido  
filhos ou servos teus, e ao rebelar-se  
contra ti, corroboram-te e proferem  
na língua tua a fórmula  
da sua independência.  
E podem renegar  
de ti, porque lhes deste  
a consciência de serem eles próprios;  
porque ti os concebeste ou os calcaste  
co teu selo de fogo,  
como no curro  
dos montes da Barbança os bravos poldros  
de esgrêvias crinas, tardos de domar.  
Espalhada por cinco continentes,  
vás como umha maré todo alagando.  
Pagas o teu tributo aos que dominas.

Tem mais petróleo América; Japom,  
mais cortesias e calculadoras.  
Mas o mundo vai-se fazendo Europa  
enquanto Europa vai fazendo o mundo.  
E o branco touro que te manorara,  
pelo espaço nadando chega à lua,  
para desembarcar-te  
em amorosas praias siderais,  
onde génios, ou anjos,  
ou deuses, a benvinda che darám,  
oh Europa dos redondos brancos peitos,  
interpretando para ti os acordes  
do final da Novena Sinfonia.

Treze monges budistas  
Manifestando-se polas ruas de Lhasa,  
iniciaram umha revolta,  
reclamando  
a independência do Tibete.

Rapidamente a insurreiçom  
arvorou estandartes de chamas  
por todo o país.

A cidade está cheia  
de ásperos berros de açafram.

Ouvimos polo rádio umha informaçom  
da agência oficial Xin-Huá,  
segundo a qual o primeiro ministro chinês ...  
assinou onte a ordem  
de imposiçom da lei marcial.

Trás os primeiros choques,  
a polícia bateu-se em retirada,  
e as forças do exército  
figerom a sua apariçom.

O Dalai Lama está na Índia  
esperando a sua hora,  
e dando ao veo  
da sua máquina de rezar.

Vinte anos esperei a tua visita,  
 e nom vinheste.  
 Um cadeirom tinha eu apercebido,  
 um púcaro com flores, um serviço  
 de mesa, um leito, um güisque, um disco, um beijo.  
 Nom vinehste, e depois de vinte anos  
 foi-se desvanecendo a minha espera.  
 E agora à minha porta petam. Abro.  
 És tu quem dá o teu nome como próprio?  
 Entras. Mas eu nom tenho apercebido  
 já cadeirom, nem púcaro com flores,  
 nem serviço de mesa,  
 nem leito, güisque, disco ou beijo algum.  
 Sentas-te estranha num ambiente outro.  
 Mas eu tamém te sinto estranha a ti,  
 porque és outra que aquela  
 que esperei tanto tempo.  
 Cortesmente recebo-te,  
 mas nada che ofereço  
 daquilo que durante vinte anos  
 tivem apercebido para ti.  
 Pois para mim tu nom és tu, nem é  
 para ti a minha casa, a minha casa.  
 Deixara eu de esperar-te, e tu deixaras  
 de adiar sem cessar a tua visita.  
 Mas, trás vinte anos, tu nom és já tu  
 nem eu som eu. Nom és a que esperara  
 tanto tempo eu. Tamém a casa minha  
 nom é a que esperaras encontrar  
 cando depois de tantos anos, vinte,  
 resolveste petar à minha porta.  
 Nom encontras o que esperavas. Nom  
 encontro o que esperara. Sentas-te  
 em qualquer sítio. E calas. E calamos.  
 E, com pretexto de algo preparar,  
 saio do quarto. E, só, fico perplexo.  
 Com que te obsequiaria? Já nom tenho  
 nem cadeirom, nem flores, nem talher,  
 nem leito, güisque, disco, beijo... Todo  
 se desgastou, todo findou  
 com o tempo passado, mesmo tu.  
 Que farei? Sem saber que te dizer,  
 torno à sala. Mas tu já nom estás.  
 Comprendo. Comprendeste. E um suspiro  
 de alívio melancólico  
 exalo sem querê-lo.  
 Vinte anos esperei a tua visita.  
 Vinte anos transcorrerom sem nos vermos.



Nom é já a minha casa aquela casa,  
nem tu és já aquela.  
Nem eu som aquel.  
Umha história vulgar? Possivelmente.  
A minha vida é só vulgaridade.  
Só na vulgaridade me trascendo.